
EDUCAÇÃO FÍSICA

Vanessa Farias da Silva

**ESTUDO SOBRE AS TRIBOS URBANAS E SUA
RELAÇÃO COM A SOCIEDADE**



VANESSA FARIAS DA SILVA

**ESTUDO SOBRE AS TRIBOS URBANAS E SUA RELAÇÃO COM A
SOCIEDADE**

Orientador: José Euzébio de Oliveira Souza
Aragão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciada em Educação Física.

Rio Claro

2017

301.15 Silva, Vanessa Farias da
S586e Estudo sobre as tribos urbanas e sua relação com a
sociedade / Vanessa Farias da Silva. - Rio Claro, 2017
30 f. : il., gráfs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientador: José Euzébio de Oliveira Souza Aragão

1. Grupos sociais. 2. Tribos urbanas. 3. Juventude. 4.
Socialização. I. Título.

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos jovens da periferia, ditos e julgados como marginais, assim como eu já fui julgada, mas resisti. Esse trabalho vem da periferia para inspirar outros jovens a buscarem por seus espaços.

Haverá luta, haverá resistência por parte dos jovens pobres e tenho otimismo em esperar que outros destes ocupem seus espaços em universidades públicas, não se esquecendo de onde vieram e procurando inspirar outros jovens.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Deus, sou grata pois sem Ele e sem Sua benção eu não estaria me formando em uma universidade pública e há diversos estudos que comprovam que a caminhada para uma mulher, lésbica e periférica é três vezes mais difícil. À minha mãe e irmã em segundo lugar, pois sem o apoio financeiro delas eu já teria desistido, sem o apoio psicológico eu teria perdido a vontade de lutar, de resistir e de vencer. Agradeço às minhas amigas, Loren, Maria, Ananda e Clara pois fizeram parte da minha vida acadêmica e me apoiaram quando a família estava distante. Agradeço a Moradia Estudantil da UNESP que me acolheu, me abrigou e me mostrou que a união pode sim, fazer a força. Por último agradeço meu orientador pela paciência, compreensão e humanidade, por me enxergar como aluna e pessoa, o que é raridade dentro do meio acadêmico.

Resumo

Com o crescimento da sociedade, tornou mais comum a formação de diversos grupos, muitos deles à margem da sociedade, que interagem entre si e são facilmente identificados pelo modo de falar, vestir e até mesmo pelo andar. Mafessoli define esses grupos como tribos urbanas, agrupamentos semi-estruturados, constituídos predominantemente de pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilo de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo. Uma tribo define-se por uma sociedade frouxa, pela lógica hedonista e o não-compromisso com a continuidade na linha do tempo, expressa na valorização do aqui-agora. Ao mesmo tempo, seu caráter dinâmico e em constante transformação lhe confere um potencial criativo, inovador, que não pode ser desprezado. As tribos se constituíram a partir das relações sociais dos sujeitos, das disposições estéticas características de uma cultura juvenil e dos ideais compartilhados que servem também como mecanismo de sustentação do grupo. O presente estudo terá por finalidade analisar as formas emergentes de sociabilidade das tribos urbanas, sua organização, sua dinâmica, suas práticas sociais e sua relação com o contexto escolar. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, a partir de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Tribos Urbanas. Juventude. Socialização da Juventude.

ABSTRACT

With the growth of society, it has become more common to form diverse groups, many of them on the fringes of society, which interact with each other and are easily identified by the way they talk, dress and even walk. Mafessoli defines these groups as urban tribes, semi-structured groupings, consisting predominantly of people who approach by the common identification of rituals and elements of culture that express values and lifestyle, fashion, music and leisure typical of a space-time. A tribe is defined by a loose sociality, by hedonistic logic and non-commitment to continuity in the timeline, expressed in the valorization of the here-now. At the same time, his dynamic and ever-changing character gives him creative, innovative potential that can not be overlooked. The tribes were constituted from the social relations of the subjects, from the aesthetic dispositions characteristic of a youth culture and shared ideals that also serve as a mechanism to sustain the group. The present study will analyze the emerging forms of sociability of urban tribes, their organization, their dynamics, their social practices and their relationship with the school context. The research uses a qualitative approach, based on bibliographic research.

Keywords: Urban Tribes. Youth. Socialization of Youth.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. JUVENTUDE, DESIGUALDADES SOCIAIS E MARGINALIDADE	10
3. JUVENTUDE E SUA ORGANIZAÇÃO.....	20
4. TRIBOS URBANAS E ESCOLA	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6. REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

Ser um jovem brasileiro é necessariamente conviver com uma realidade de muitas contradições, pode ser viver no país das oportunidades como cursar a uma universidade, com o mundo pela frente ou, ao mesmo tempo, ser alguém desprovido de todos os direitos e viver na miséria absoluta, sem esperança alguma. Nós temos um espectro muito grande de jovens, alguns tentam interferir na vida dos outros, alguns tentam amenizar o sofrimento dos outros porque enxergam como é necessário mudar essa realidade e lutar para que todos tenham os mesmos direitos. Entretanto, o mundo globalizado vem interferindo diretamente na forma de viver desses jovens e isso ocorre independentemente do nível socioeconômico dos mesmos. Como todos tem, de alguma forma, acesso à mídia, o modo como a informação chega a eles provoca sérias mudanças em seu comportamento. Um aspecto muito negativo que pode ser exemplificado é o fato de o próprio jovem se sentir a margem da sociedade—porque não tem produto “X” ou “Y” que chega ao seu conhecimento por meio dos veículos de comunicação.

Independentemente do nível socioeconômico, a maior parte dos jovens têm acesso à mídia e podem-se identificar características homogêneas entre esses jovens no que se refere ao seu comportamento ante as propagandas feitas pelas mídias e essas características podem ser notadas nas relações interpessoais e de identidade, na maneira de lidar com o cotidiano. Dessa forma, os programas de televisão utilizam de seu poder de influência e realizam um forte apelo em termos de comportamento, no que se refere às vestimentas e ao consumo. Os jovens vão crescendo em contato com muitas informações e se encontram numa fase em que, o que gostam e valorizam, querem adquirir e um dos motivos é que todas as pessoas que são consideradas “legais” possuem aquele produto.

A saturação das cidades é um fenômeno que tem se desenvolvido de forma mais aguda nas últimas décadas. A população que habita os espaços urbanos e cresce de modo desordenado em quase todas as nações, ainda que o problema seja mais grave nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento. Ao mesmo tempo em que lembramos que a juventude é um produto próprio das cidades, fica claro que ela é afetada pela dinâmica e pelos problemas dos espaços urbanos. Contudo, as políticas públicas voltadas para os jovens ainda são recentes e escassas.

Com o crescimento da sociedade, tornou-se cada vez mais comum observarmos a formação de diversos grupos que interagem entre si e são facilmente identificados pelo modo de falar, vestir e até mesmo pelo andar, esse grupos também podem ser chamados de “tribos”. As chamadas tribos urbanas expressam formas comuns e específicas de sociabilidade. Assim como os outros, as tribos representam um importante contexto sócio-afetivo alternativo. Especialmente quando o adolescente busca uma maior autonomia em relação aos pais na adolescência, os grupos de pares emergem como fontes importantes de identificação e referência comportamental dos adolescentes. Porém, uma particularidade das tribos é o caráter volátil de seus vínculos internos, o que tanto torna sua dinâmica social muito rica, como enfraquece as ligações entre os membros, comprometendo o engajamento em projetos cooperativos de maior duração (Maffesoli, 1992/2000).

Majoritariamente as tribos são formadas por jovens que, de acordo com o IBGE, são pessoas de 15 a 29 anos. Os jovens brasileiros eram cerca de 51 milhões em 2006, (mais de 25% da população total), dos quais pouco mais de 80% viviam nas cidades, a juventude no Brasil é eminentemente urbana. Além disso, os jovens são, em sua maioria pobres, com mais de 50% deles nas classes D e E, pouco mais de 35% na classe C, 11,2% na classe B e 1,3% na classe A.

Assim, sendo como se pode observar nos dados demonstrados pelo IBGE grande parte da população jovem se encontra em camadas sociais baixas e são bombardeados pela mídia para que participem do consumo. Esses jovens se sentem mais acolhidos quando estão em um meio que as pessoas se vestem de forma parecida, têm os mesmos aparelhos eletrônicos e valorizam as mesmas marcas, do contrário se sentiriam excluídos.

O presente trabalho tem como objetivo entender o modo de organização das tribos urbanas, suas dinâmicas, práticas sociais e culturais e sua relação com o contexto escolar, traçando o perfil dos jovens que participam de tribos urbanas em geral, caracterizando as atitudes desses jovens em relação às tribos urbanas e suas relações com a sociedade, assim como suas práticas e formas de sociabilidade. Isso será feito através de uma abordagem qualitativa e os dados obtidos através da revisão bibliográfica procurará mostrar o jovem na sociedade contemporânea. Além disso, através da pesquisa que é de caráter exploratório o objetivo é aumentar o conhecimento sobre o tema pesquisado, com a finalidade de

torná-lo mais evidente e claro, para isso a metodologia utilizada será a partir de leituras de livros, artigos e publicações sobre tribos urbanas e juventude.

O trabalho será dividido em quatro seções. Na primeira que é esta introdução. Na segunda seção faço uma contextualização da juventude brasileira, as desigualdades sociais e sua caracterização de marginalidade, a terceira seção trará o conceito de Tribos Urbanas, a quarta e última seção fará uma relação das Tribos Urbanas e a Instituição Escolar. Ressalto que a linguagem utilizada foi a mais simples possível, dentro da norma culta, para que os jovens tenham acesso a leitura e que seja de fácil compreensão.

2. JUVENTUDE, DESIGUALDADES SOCIAIS E MARGINALIDADE

Coimbra (2005) nos faz pensar na juventude como um conceito que pode ser visto como uma construção social, assim como pode também ser capturado e instituído. Para o autor, “o conceito de juventude nos faz pensar no sujeito como um ser constituído e atravessado por fluxos, devires, multiplicidades e diferenças”.

Complementando o entendimento sobre o que é ser jovem, Sousa (2006), acrescenta que “ser jovem é viver um ‘contato original’ com a herança social e cultural, constituído não apenas por uma mudança social, mas por fatores biológicos”.

O jovem é um sujeito com valores, comportamentos, visões de mundo, interesses e necessidades singulares. Ser jovem é estar imerso em uma sociedade com processos transitórios, a partir de uma nova conjuntura familiar, política e social estabelecida. É, portanto, estar em meio a conceitos e formas amplas e diversas de leitura de mundo. Com o passar do tempo, novas descobertas, novas pesquisas, novos olhares foram tomando conta dos grupos e das comunidades. O mundo está em processo de mudança e a sociedade tende a ver de outra maneira o que antes não aceitava, abriu o que antes estava fechado, e hoje tenta se redefinir.

Em função de tais mudanças diante do que antes era dado como referência, atualmente a maioria dos jovens acredita que a sociedade e a escola, como instituição, não atende e não entende às suas necessidades e expectativas. As vontades e interesses não se encontram no plano curricular e não há políticas públicas para auxiliá-los na sua busca por suas identidades.

Ao longo da História da Cultura Ocidental, a participação dos jovens era desconsiderada nos movimentos e transformações sociais ocorridas ao longo do tempo. A “voz da juventude” foi por muito tempo recluso aos olhos de uma sociedade conservadora que, na maioria das vezes, ligava o jovem à imaturidade, ignorância e submissão familiar. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, esse cenário começou a sofrer consideráveis transformações. A partir da década de 1960, intensas manifestações culturais e políticas juvenis indicavam que o papel do jovem começava a ter outro lugar. Nesse período, podemos destacar a ação do movimento hippie.

A geração hippie deu lugar a uma juventude mais conservadora que não mais simpatizava com a ação transgressora da geração anterior. A consolidação de um mundo cada vez mais integrado pelo processo de globalização provocou uma nova onda de movimentos juvenis que se colocam contra a própria sociedade que o exclui. O movimento punk é um claro exemplo de ação juvenil repreendida pela crítica de um sistema que visa padronizar comportamentos em torno de um mundo cada vez mais atrelado aos resultados imediatos e à eficiência. A juventude nascida na década de 1980 integra, de acordo com alguns estudiosos e analistas, a chamada geração “Z”. O uso desta letra vem do termo inglês “zapping”, ou seja, dar “uma volta”. Essa tal volta, por conseguinte, simboliza a enxurrada de tecnologias que colocaram esses jovens em contato simultâneo com a TV, telefone celular e internet. Em contrapartida, essa nova situação da juventude, não indica uma morte das utopias e da ação direta do jovem na sociedade. Por mais que não possamos ver claramente a ascendência de novos movimentos juvenis politizados, não podemos desconsiderar a presença de uma juventude que possui e demonstra suas demandas sob as mais diferentes formas.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o Observatório de Favelas e o Laboratório de Análise da Violência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LAV-Uerj) apresentaram no Rio de Janeiro, a 5ª edição do Índice de Homicídios na Adolescência (IHA). O IHA foi desenvolvido pelo Programa de Redução da Violência Letal-PRLV e serve para estimar o risco de mortalidade por homicídio de adolescentes que residem em um determinado território. O estudo tem como objetivo permitir o monitoramento sistêmico da incidência de homicídios entre a população jovem, contribuindo para a avaliação das políticas de prevenção à violência.

Produzido com base em dados de 2012, o IHA estima que mais de 42 mil adolescentes, de 12 a 18 anos, poderão ser vítimas de homicídio nos municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes entre 2013 e 2019. Isso significa que, para cada grupo de mil pessoas com 12 anos completos em 2012, 3,32 correm o risco de ser assassinadas antes de atingir os 19 anos de idade. A taxa representa um aumento de 17% em relação a 2011, quando o IHA chegou a 2,84.

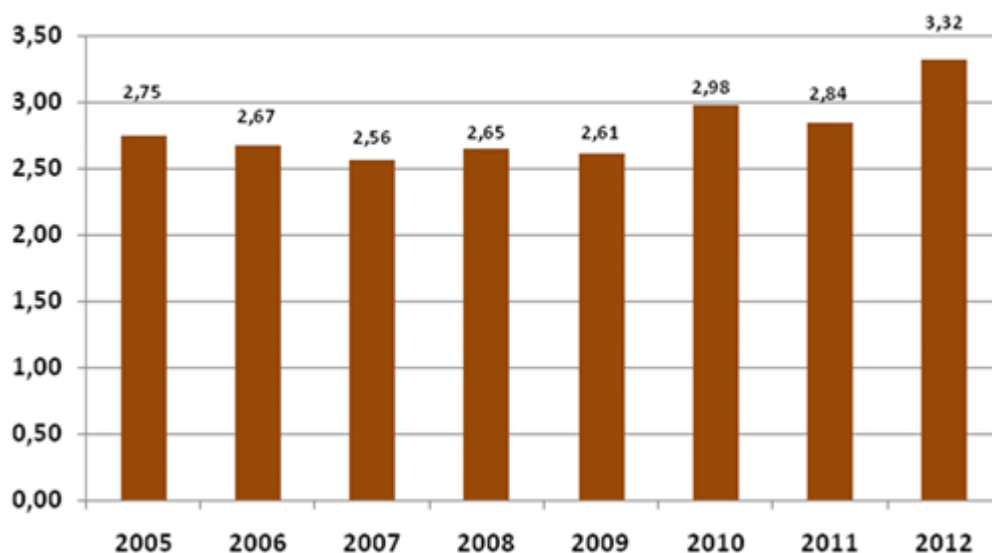
De acordo com os dados, a Região Nordeste apresenta a maior incidência de violência letal contra adolescentes, com um índice igual a 5,97. Em

contrapartida, o Sudeste possui o menor valor, com uma perda de 2,25 de jovens em cada mil. Foi verificada ainda uma redução na mortalidade na Região Sul.

Em relação ao perfil dos adolescentes com maior vulnerabilidade, o estudo revela que a possibilidade de jovens negros serem assassinados é 2,96 vezes maior do que os brancos. Além disso, os adolescentes do sexo masculino apresentam um risco 11,92 vezes superior ao das meninas, sendo a arma de fogo o principal meio utilizado no assassinato de jovens brasileiros.

Hoje, os homicídios representam 36,5% das causas de morte dos adolescentes no país, enquanto para a população total correspondem a 4,8%. Para a elaboração do IHA, foram analisados 288 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes.

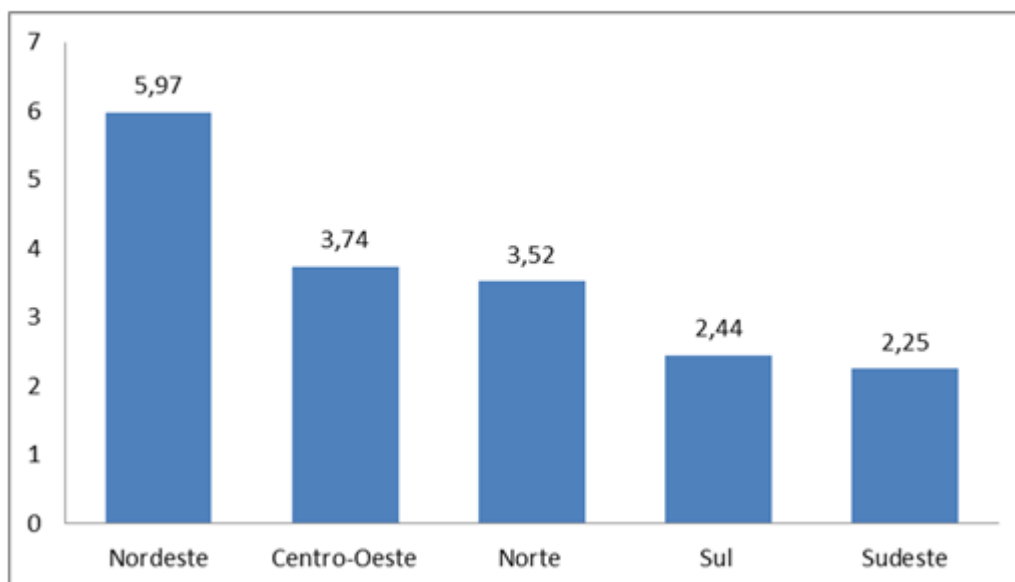
Evolução do Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) entre 2005 e 2012



Fonte: Laboratório de Análise da Violência. Índice de Homicídios na Adolescência.

Como podemos observar no gráfico acima, apenas nos anos de 2006, 2007, 2008 e 2009 houve uma queda nos homicídios, nos demais anos houve um aumento considerável e alarmante.

Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) por Grandes Regiões – 2012 – Municípios com mais de 100 mil habitantes



Fonte: Laboratório de Análise da Violência. Índice de Homicídios na Adolescência.

Quando há a divisão dos homicídios pelas regiões, os números no Nordeste são duas vezes maiores, se comparados ao Sudeste e ao Sul.

Distribuição do IHA pelas Unidades da Federação – 2012 – Municípios com mais de 100 mil habitantes

POSICÃO	UF	IHA	POSICÃO	UF	IHA
1	ALAGOAS	8,82	15	PARANÁ	3,12
2	BAHIA	8,59	16	MATO GROSSO	2,98
3	CEARÁ	7,74	17	RIO DE JANEIRO	2,71
4	ESPÍRITO SANTO	7,15	18	RIO GRANDE DO SUL	2,51
5	PARAÍBA	6,04	19	MARANHÃO	2,42
6	RIO GRANDE DO NORTE	5,80	20	RONDÔNIA	2,36
7	GOIÁS	4,82	21	PIAUÍ	2,26
8	PARÁ	4,55	22	MATO GROSSO DO SUL	1,91
9	DISTRITO FEDERAL	3,76	23	RORAIMA	1,80
10	PERNAMBUCO	3,60	24	TOCANTINS	1,43
11	SERGIPE	3,58	25	SÃO PAULO	1,29
12	MINAS GERAIS	3,52	26	ACRE	1,22
13	AMAPÁ	3,32	27	SANTA CATARINA	1,14
14	AMAZONAS	3,30			

Fonte: Laboratório de Análise da Violência. Índice de Homicídios na Adolescência.

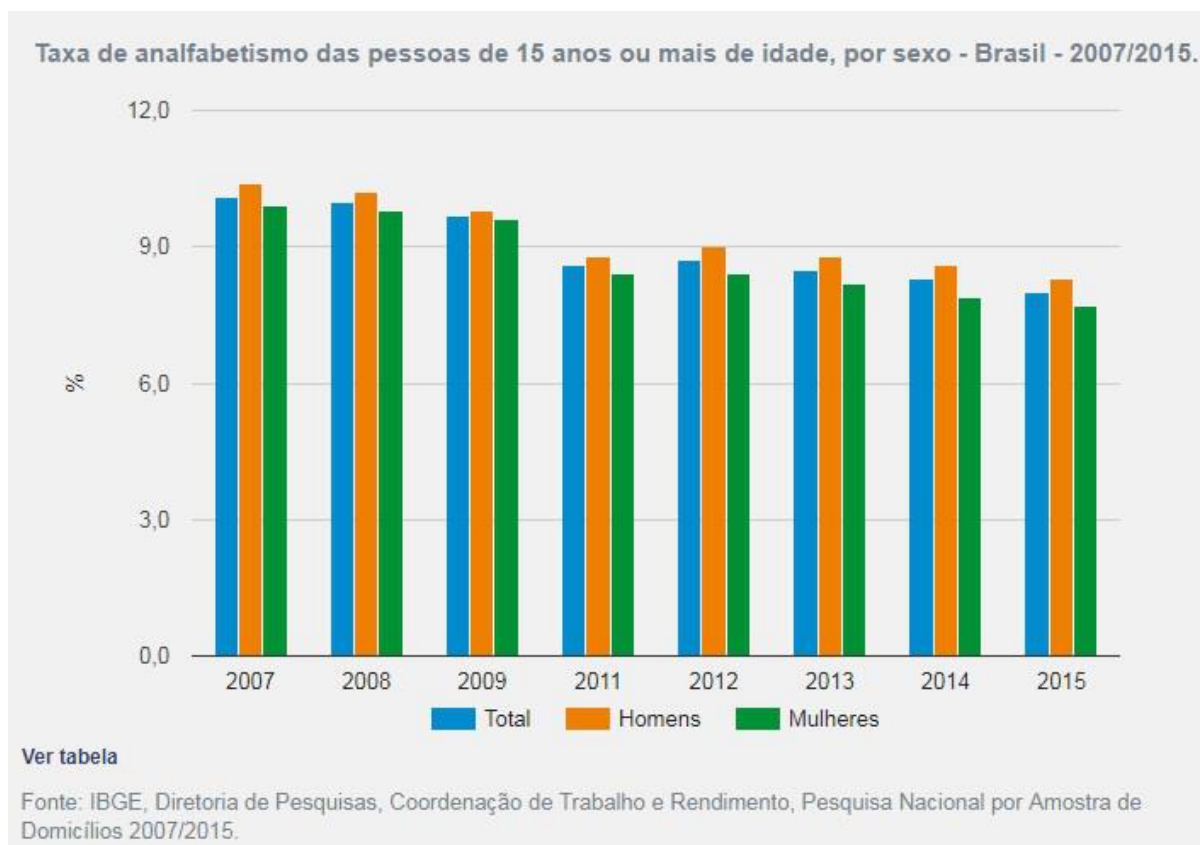
No gráfico anterior pode-se observar que a taxa de homicídio no Nordeste é a maior, e neste gráfico podemos observar que as três primeiras posições são ocupadas por Estados desta região.

Através desses dados podemos ver que a adolescência é um período de alta mortalidade para a juventude pobre e preta e nos estados onde o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é menor, conseqüentemente, temos os piores resultados.

Quando olhamos para esses jovens que morrem e sua classe social, veremos que eles, majoritariamente, pertencem à classe baixa e que possuem um nível baixo de escolaridade. Podem ser classificadas como classe baixa, classes “E” e “D”, que recebem até um salário mínimo ou de 1 a 3 salários mínimos, respectivamente.

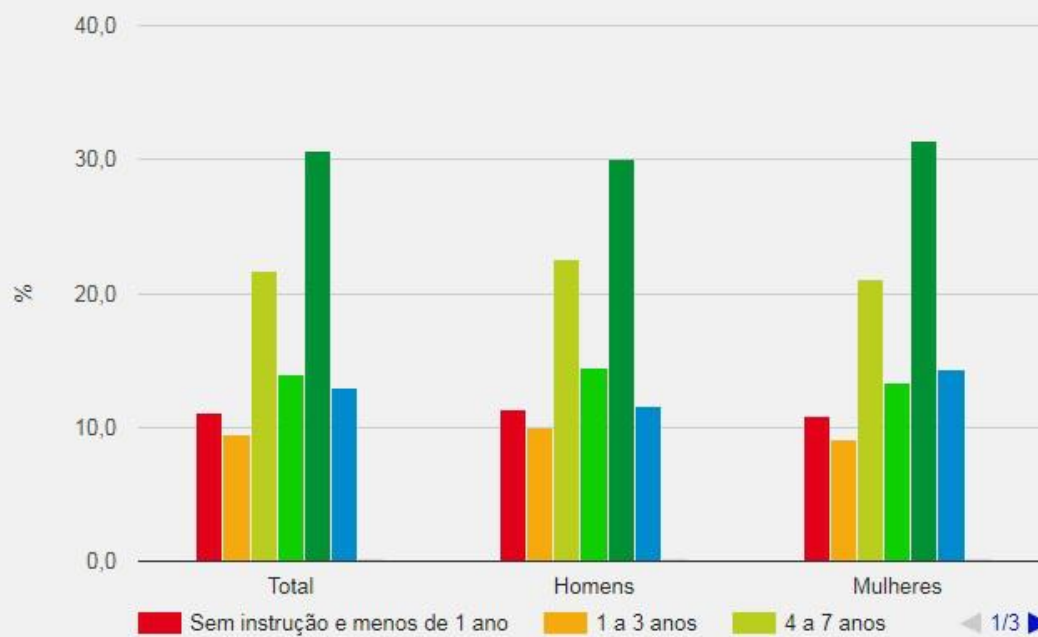
Apesar do número de jovens que estão escolarizados serem superiores ao número de pais na mesma situação, esses mesmos jovens vivem péssimas experiências de escolarização, muitas vezes em escola pública que não fornece condições satisfatórias de ensino. Além disso, os jovens não têm perspectiva de futuro. Suas maiores motivações são estudar para dar uma boa vida à família, garantir uma vaga no mercado de trabalho e “ser alguém na vida”.

Através dos gráficos será possível verificar esses dados:



Em 2007, a taxa de analfabetismo se aproxima dos 11% no total, sendo que os homens lideraram. Já em 2015 houve uma diminuição considerável, aproximadamente 8% no total, mas com a taxa masculina ainda maior.

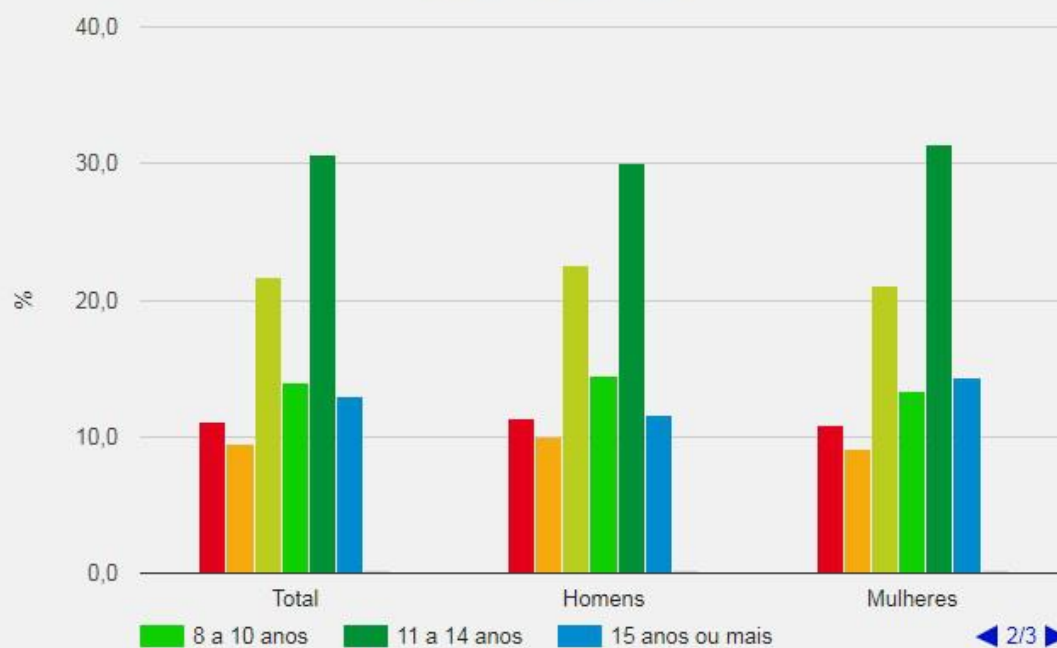
Distribuição das pessoas de 25 anos ou mais de idade, por sexo, segundo os grupos de anos de estudo - Brasil - 2015



[Ver tabela](#)

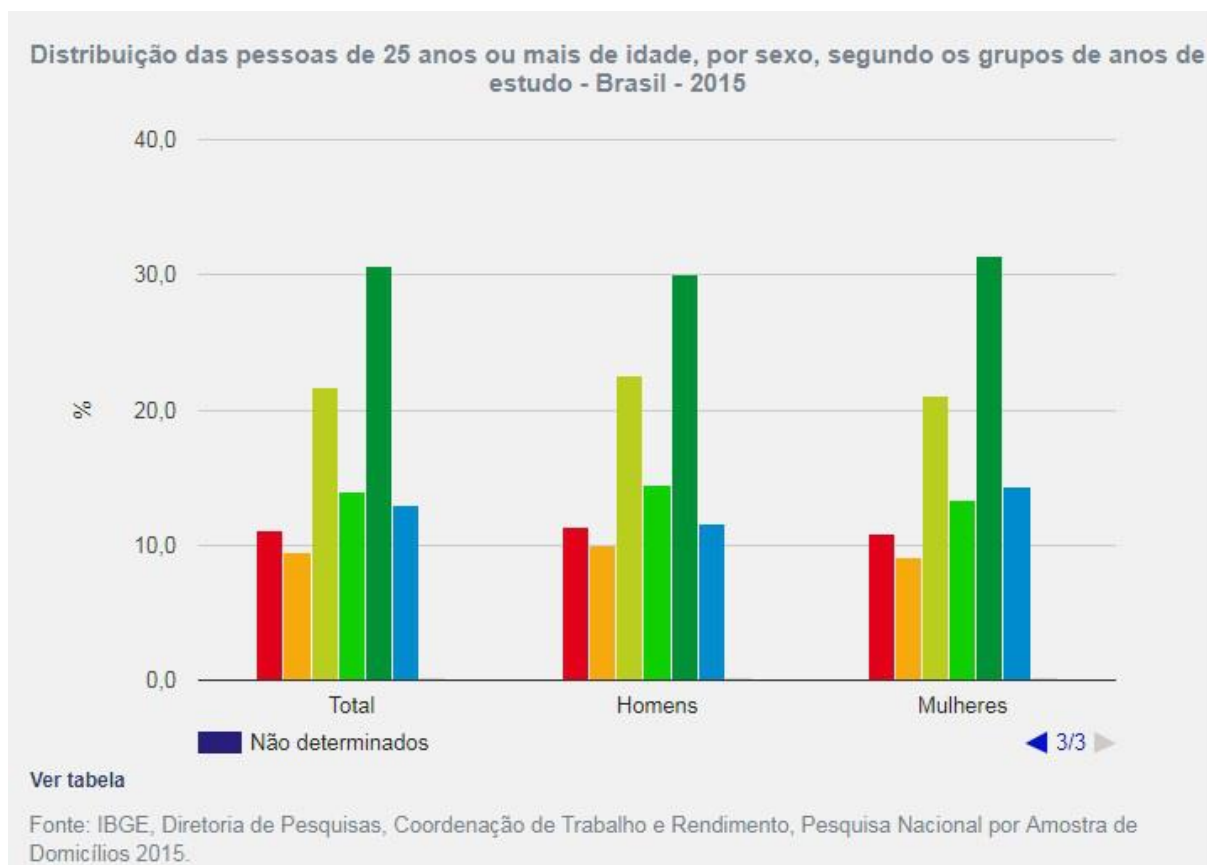
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015.

Distribuição das pessoas de 25 anos ou mais de idade, por sexo, segundo os grupos de anos de estudo - Brasil - 2015



Ver tabela

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015.



Fazendo uma breve análise dos dados apresentados pelos gráficos podemos verificar que as mulheres têm um nível maior de escolaridade, se comparado com os homens, dando embasamento teórico para o alto nível de homicídio sofrido pelos jovens do sexo masculino.

Através dos gráficos e da tabela observamos que ser um jovem no Brasil é desafiador, entre tantos obstáculos encontrados, há um agravante quando esse jovem é de classe baixa e vê como necessidade conseguir um emprego, muitas vezes optando por abandonar a escola em busca desse objetivo. Tanta evasão no período entre 11 e 14 anos, período de afirmação da identidade, pode nos trazer observações acerca da juventude e de como esse jovem abandona a escola para ter que trabalhar e sustentar a casa. Conclui-se que a taxa de homicídios está diretamente ligada a taxa de analfabetismo e grande parte, como pode-se observar nos gráficos, fica majoritariamente no sexo masculino. Assim sendo, os homens que não completaram o ensino básico no Brasil possuem maiores chances de não chegarem a fase adulta, tendo em vista a nossa cultura machista e patriarcal, entende-se que o homem deve trazer sustento ao seu lar e a cobrança principal de fornecer esse montante é feita à ele, enquanto que a mulher deve zelar pelo lar e

pelos filhos, se houver, ficando muitas vezes responsável por auxiliá-los nos deveres de casa e sendo influenciada a terminar os estudos para ser uma boa “mãe”.

3. JUVENTUDE E SUA ORGANIZAÇÃO

Maffesoli (2000) define tribos urbanas como agrupamentos semi-estruturados, constituídos predominantemente de pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo. Uma tribo define-se por uma sociabilidade frouxa, pela lógica hedonista e o não-compromisso com a continuidade na linha do tempo, expressa na valorização do aqui-agora (COUTINHO, 2001). Ao mesmo tempo, seu caráter dinâmico e em constante transformação lhe confere um potencial criativo, inovador, que não pode ser desprezado.

Porém, uma particularidade das tribos é o caráter volátil de seus vínculos internos, o que tanto torna sua dinâmica social muito rica, como enfraquece as ligações entre os membros, comprometendo o engajamento em projetos cooperativos de maior duração (MAFESSOLI, 1992/2000).

As tribos urbanas surgiram como um reflexo da globalização das sociedades modernas. Jovens, numa vontade de se diferenciarem mas também de se identificarem, reúnem-se em grupos partilhando os mesmos ideais e gostos. Algumas particularidades comportamentais e estéticas permitem a sua identificação, assim como *piercings*, tatuagem, roupas e estilos de corte de cabelo.

As tribos se tornaram cada vez mais comuns dentre os jovens, pois é a partir delas que eles se encontram com outros jovens que têm os mesmos pensamentos, vivências parecidas ou iguais e o estilo de falar, andar e se vestir são praticamente idênticos. Grande parte dos jovens estão inseridos em alguma tribo, não necessariamente apenas jovens de classe média ou baixa, jovens da classe média/alta também compõem suas tribos e as caracterizam. Entretanto, os jovens de classes baixas têm suas tribos menosprezadas e sua situação agravada pelo encolhimento do Estado na esfera pública. Enquanto jovens de classe média/alta possuem dinheiro, tempo e experiências culturais que possibilitam uma melhor compreensão e aproveitamento da sua juventude, os jovens de classe média/baixa estão à mercê do Estado que não oferece soluções por meio de políticas públicas que contemplem a juventude, gerando a privatização das condições de vida. Além da falta de políticas nas áreas básicas em emprego ou

saúde, os jovens têm que enfrentar a falta de acesso aos bens culturais e uma educação cada vez mais precária.

Esses jovens são exatamente os menos contemplados pela escola, sendo em sua grande maioria jovens que foram excluídos da mesma e não terminaram o Ensino Médio, não sendo raridade muitos não terem terminado nem o Ensino Fundamental, o que dá significado ao grande número de evasões nas escolas públicas.

Dentre os motivos pelos quais os jovens abandonam os estudos, está a necessidade de ajudar suas famílias, sendo muitas vezes a maior fonte de renda dentro de seus lares e para conseguirem sua autonomia e liberdade, podendo assim consumir os bens que a sociedade capitalista lhes oferecem.

Dayrell (2002) ressalta que a instituição escolar é pouco eficaz no seu aparelhamento para enfrentar as condições adversas de vida com as quais esses jovens vieram se defrontando, não constituindo referência de valores no seu processo de construção como sujeitos. Muitos desses alunos tiveram a construção de auto-imagens, como “aluno do fundão” ou “mau aluno” e foram reforçadas pelas reprovações constantes e dificuldades na aprendizagem.

Estes jovens passam por processos de exclusão que são causados pela diferença entre classes e como o Estado influencia na educação, na cultura e no lazer oferecido à eles. Um dos aspectos de exclusão experimentado por esses jovens em relação aos jovens de classe média-alta é que aqueles que vivem nas periferias das cidades sentem-se desprezados, humilhados – seja por sua aparência física e modo de se vestir, seja pela dificuldade de acesso a uma escola de qualidade, além das limitações impostas pelo mercado de trabalho em decorrência de sua condição social.

Dentro desse contexto, os jovens que escolhem pertencer a uma tribo de classe baixa afirmam estar em busca de um "lugar". A tribo é, portanto, percebida como um espaço alternativo, uma esfera de relações nas quais eles são levados em conta, onde eles são protegidos. Tal proteção se torna necessária devido a exclusão social que esses jovens sofrem, a caracterização de consumidores falhos diante a sociedade capitalista e pela forte violência social com as quais eles se deparam desde bem novos.

Não é um fato desconhecido que os jovens muitas vezes não são bem vistos pela sociedade contemporânea pelos motivos citados acima. Dentre esses

motivos podemos citar as vestimentas de algumas tribos que fogem dos padrões, o modo de falar, o local onde eles se reúnem, algumas formas inusitadas que eles adotam para se locomoverem e a suas formas de comunicação.

Cada tribo tem sua característica e pode ser muitas vezes identificada facilmente fazendo a observação do grupo. Os ideais do grupo muitas vezes seguem os mesmos pensamentos e objetivos, o que fortalece a união e a identidade entre todos que fazem parte da tribo.

O maior problema é quando esses jovens não se sentem bem recebidos pela sociedade, quando eles procuram lugares públicos e não são bem-vindos, quando o Estado não oferece políticas públicas para que haja a inclusão desses jovens no mercado de trabalho, quando as próprias instituições de ensino e os ambientes culturais que deveriam proporcionar informação, lazer e cultura para eles não cumprem com o seu devido papel.

Como um exemplo disso, conseguimos observar os “rolezinhos”, que podem ser classificados como passeios, geralmente combinados pela internet, tendo como objetivo ir a locais privados, como shoppings para se encontrarem e fazerem disso um momento de lazer. Entretanto, a administração desses lugares não se sente à vontade com os jovens ocupando esses espaços, principalmente pelos mesmos serem de classe baixa e serem caracterizados por consumidores falhos. Muitos destes locais implantaram medidas para impedir e evitar ao máximo que o rolezinho acontecesse em seus estabelecimentos, criando regras como, apresentar o documento de identidade e, caso for menor de idade só entrar no shopping acompanhado dos pais, além de reforçar a segurança nos dias e horários de maior movimento. Houve notícias na mídia, apesar dos próprios comerciantes terem negado que os jovens só iam para fazer um arrastão, pois estes cantam músicas do estilo musical funk ‘ostentação’ que remete a posse de roupas, sapatos e acessórios de grife. Ao nomear como arrastão, nos remete a roubo, mesmo sabendo que isso não aconteceu, vemos que a mídia sensacionalista marginaliza esses jovens e a polícia os trata como se eles fossem bandidos, usando violência muitas vezes e abusando da autoridade para lidar com eles, justificando a taxa alta de homicídios de jovens nessa cidade. Esse fenômeno cultural veio da periferia e somente por isso sofre repressão, se esses jovens fossem de classe média/alta essas medidas não existiriam.

Esse tipo de passeio só reforça a carência de espaços e políticas públicas que abordem esses jovens e os permitam fazer parte da sociedade, pelo menos no lazer. Como afirma Félix Guattari, devemos garantir espaços subjetivos que estimulem o dissenso e a produção singular da existência:

“Convém deixar que se desenvolvam culturas particulares inventando-se, ao mesmo tempo, outros contatos de cidadania. Convém fazer com que a singularidade, a exceção, a raridade funcionem junto com uma ordem estatal o menos pesada possível” (GUATTARI, 1990, p. 35). “

O Estado como principal fomentador de políticas públicas deveria garantir que os jovens tivessem lugares para se expressarem, para se encontrarem e explorarem seus potenciais. Se houvesse a garantia de locais com apresentações culturais, oficinas, debates e palestras com temas contemporâneos, um local onde esses jovens pudessem se encontrar para conversar sobre seus futuros, suas inseguranças seria de suma importância, entretanto, os maiores exemplos que temos são de projetos sociais privados, que vão até a periferia e dão oportunidade para esses jovens. Por falta destes ambientes, vamos observar que grande parte desses encontros acontece na escola e, conseqüentemente, boa parte dos problemas ocasionados pela distinção das tribos, desigualdades sociais são reforçados nessa instituição.

4. TRIBOS URBANAS E A ESCOLA

Existem algumas entidades que influenciam nosso cotidiano, nosso modo de pensar e de agir e ajudam na nossa construção social pelo gosto, pelo jeito que nos vestimos, pelo que consumimos e com os jovens não é diferente. Estes são bombardeados pela mídia, que na maioria das vezes é sensacionalista e os marginaliza, são influenciados pela família, pelos amigos e pelo que meio que estão inseridos. Uma das interferências mais visível é a que a escola causa neles.

No Brasil o período escolar ocupa aproximadamente 15 anos de nossas vidas, e são nos primeiros 15 anos que começamos a formar nossa identidade, é nesse período que temos contato com as mais diferentes pessoas, com diversas experiências, esse contato nos faz carregar perspectivas para toda a vida e boa parte dos jovens de classe baixa passa a adolescência na escola sendo tratados como “coitados”, jovens que são olhados como se não tivessem futuro e como se estivessem condenados ao mundo do tráfico e/ou do roubo. Este pensamento é baseado na quantidade de jovens da periferia que se envolvem com o tráfico, acabam roubando para ter o poder de “ostentar” aos demais jovens de sua idade, mas que são de classe média e não precisam trabalhar ou se esforçar para ter essas vantagens, pois só por terem nascido rico possuem privilégios.

Bourdieu (1960) quebrou paradigmas afirmando que a escola não era uma oportunidade única para resolver as desigualdades sociais, que não seria através dela que os jovens menos favorecidos teriam as mesmas oportunidades e conseguiriam competir de igual para igual com os jovens privilegiados, nesta mesma época surgiram estudos na Europa para comprovar que a origem social interferia diretamente no destino escolar destes alunos, estes dados que apontam a forte relação entre desempenho escolar e origem social, corrobora com a teoria que Bourdieu (1963) estava se fundamentando.

De acordo com Nogueira e Nogueira (2002): a escola, na perspectiva dele, não seria uma instituição imparcial que, simplesmente, seleciona os mais talentosos a partir de critérios objetivos. Bourdieu (1963) questiona a neutralidade da escola e do conhecimento escolar, argumentando que o que essa instituição representa e cobra dos alunos são, basicamente, os gostos, as crenças, as posturas e os valores dos grupos dominantes, dissimuladamente apresentados como cultura.

Segundo Bourdieu (1998, p. 53):

“para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais.”

Atualmente a escola pública continua contribuindo para a reprodução das desigualdades sociais, o falso discurso da meritocracia, que Bourdieu (1963) ajudou a derrubar, ainda se faz presente na fala de diversos professores e dirigentes da instituição pela qual passam milhares de jovens. Em busca de se encontrarem, se apoiarem e em uma tentativa de superar as exigências da sociedade capitalista, jovens se unem em tribos onde eles se encontram e se ajudam.

Essas tribos são criadas por afinidade e muitas vezes interagem apenas entre si, a criação desses grupos é normal e faz parte da socialização - desde que não desrespeite outros grupos - é através das tribos que ocorre boa parte do desenvolvimento interpessoal, troca de experiências e autoconhecimento, muitas vezes essa amizade se expande para fora da sala de aula. Para cada tribo há uma denominação, denominação feita pelo modo de se vestir, andar, falar, pelo gosto musical, pelo posicionamento diante de situações polêmicas, e ainda que estas tribos surjam no mesmo contexto escolar, há distinção entre elas. Por exemplo, os funkeiros que se vestem com roupas coloridas, óculos de sol e optam pelo corte de cabelo parecido e o risco na sobrancelha, são mais julgados do que os jovens que têm um estilo de se vestir mais casual e discreto. Além disso, pela própria identificação entre os alunos, alguns preferem sentar no fundo da sala, enquanto outros preferem sentar na frente e implica nos olhares dos professores sobre cada grupo, mesmo que isso não interfira na aprendizagem dos mesmos.

Sendo assim, a escola e todo o seu corpo de funcionários, contribuem para que esses jovens se sintam à margem da sociedade, sem perspectiva e sem planos maiores, quando os julgam pela aparência e praticamente, os condenam ao mesmo futuro que a maioria dos seus pais teve, além de reforçar as dificuldades da sua caminhada, não incentiva boa parte desses

jovens a adquirir autonomia, responsabilidade, além de muitas vezes os fazem acreditar que o mérito será proporcional ao esforço deles, sem fazer recorte sobre a camada social a qual eles pertencem e sem explicar como o Estado e o Governo os enxergam e influenciam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar o trabalho ressalto que a escassez de políticas a favor das classes sociais mais populares, a falta de responsabilidade e de respeito pelos jovens pertencentes a esta, serão de extrema fatalidade e talvez até irreversível. Há décadas esses jovens estão abandonados e se sentem assim, encontram na escola um discurso de “quanto mais esforço, mais longe se chega”, entretanto, ao saírem para o mundo ou mercado de trabalho percebem que a sua origem social tem grande interferência, e que, ter contatos que possam trazer benefícios vale mais que o esforço imenso que lhe disseram para fazer. Estes jovens crescem geração após geração, sem perspectiva de um futuro melhor, aonde vêm seus pais, amigos e irmãos mais velhos traçando o mesmo caminho, pois há anos nada muda.

Dayrell (2002) ressalta que a instituição escolar é pouco eficaz no seu aparelhamento para enfrentar as condições adversas de vida com as quais esses jovens vieram se defrontando, não constituindo referência de valores no seu processo de construção como sujeitos. Bourdieu (1964) nos mostra que a escola além de não preparar estes jovens para o mundo os coloca sob uma visão otimista sobre a sociedade, visão esta que não se fará presente quando eles quiserem ingressar no mercado de trabalho ou continuarem seus estudos.

Este trabalho teve o objetivo de demonstrar como estes jovens se dividem em tribos em busca de identidade e respeito, mesmo que seja entre eles. Teve o objetivo de exemplificar a marginalidade a qual esses jovens são colocados, sem ao menos terem tido oportunidades e aos julgamentos que estão predispostos. Como no exemplo das manifestações sociais que eles organizam, os rolezinhos são vistos como uma expressão de marginalidade, como se os jovens estivessem ali para roubar objetos e fazer arruaça, sendo tratados com violência e desrespeito e até mesmo sendo proibidos de ocupar aqueles espaços.

Enquanto o Estado, o Governo e a Instituição Escolar tratarem a meritocracia - que Bourdieu (1963) ajudou a contestar - como única alternativa para inspirar esses jovens e como se o esforço fosse os levar ao mesmo lugar que as pessoas privilegiadas, e enquanto, essas Instituições se absterem da

responsabilidade da inclusão social desses jovens nos espaços urbanas, no mercado de trabalho e principalmente nas instituições de ensino as taxas de homicídios entre os jovens continuarão crescendo e a evasão escolar provavelmente irá acompanhá-la, teremos a população das classes populares cada vez mais marginalizadas, sem oportunidades e sem expectativas de melhorias, e as classes privilegiadas ocupando todos os espaços e se mantendo intacta quanto a sua imunidade e reputação social.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Unicef. **Índice de homicídios de adolescentes**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/media_28807.htm>. Acesso em: 28 ago. 2017.

BORDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierri. **Les étudiants et leurs études**. Paris: Mouton, 1964.

BOURDIEU, Pierre, **Travail et travailleurs en Algérie**. Paris: Mouton, 1963.

COIMBRA, C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. (2005). **Subvertendo o conceito de adolescência**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 57, n. 1,(pp. 2-11).

COUTINHO, L. G. (2001). **Da metáfora paterna à metonímia das tribos: um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo**. Disponível em: <http://www.rubedo.psc.br/Artigos/tribus.htm>. Acesso em 18 de setembro de 2017.

DAYRELL, J; GOMES, N.L. **Juventude, práticas culturais e identidade negra. Palmares em Ação**, Brasília, DF, n. 2, p. 18-23, 2002.

DAYRELL, J. (2002). **O rap e o funk na socialização da juventude**. *Educação e Pesquisa*, 28 (1), 2.11.

GONÇALVES, F. N. (1999). **Hedonismo e ethos contemporâneo: o fenômeno das "rave" parties**. Em Rubim, Bentz e Pinto (1999) *Comunicação e sociabilidade nas culturas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes.

MAFESSOLI, M. (2000). **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições**. Scielo, Belo Horizonte, v. 78, n., p.15-36, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378>>. Acesso em: 15 set. 2017

SOUSA, J. (2006) **Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações. Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política**, Florianópolis: v. 5 n. 8. (pp. 9-30)

VIOLÊNCIA, Laboratório de Análise da. **Índice de Homicídios na Adolescência**. Disponível em: <<http://www.lav.uerj.br/index.html>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

Aluna: Vanessa Farias da Silva

Orientador: José Euzébio de Oliveira Souza Aragão